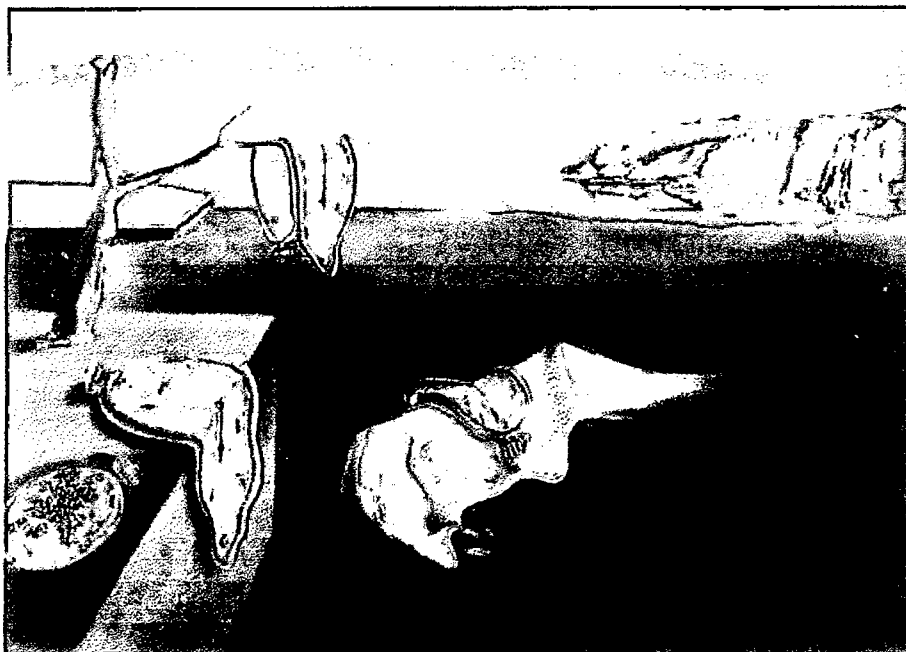


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



A Persistência da Memória (Salvador Dalí)

CARLOS CHAGAS VILELA LIMA

NATAL – RN
2005

CARLOS CHAGAS VILELA LIMA

ENTRE O TRANSFORMAR E O PERSISTIR:

**As mudanças e as memórias produzidas a partir da simbologia desenvolvimentista da
Mina Brejuí Curraisnovense (1943-2004)**

NATAL – RN

2005

CARLOS CHAGAS VILELA LIMA

ENTRE O TRANSFORMAR E O PERSISTIR:

**As mudanças e as memórias produzidas a partir da simbologia desenvolvimentista da
Mina Brejuí Curraisnovense (1943-2004)**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na disciplina Pesquisa Histórica II, sob a orientação da Professora Maria Ferdinanda Silveira Soriano da Cruz, como requisito para a conclusão do curso de História Licenciatura Plena e Bacharelado.

NATAL – RN

2005

AGRADECIMENTOS

Após os percalços do caminho, resta-me agradecer a todos aqueles que contribuíram para que eu chegasse até aqui e que são a síntese-perfeita deste momento maior. Na impossibilidade de citar todos os nomes que ajudaram a retirar a pedra do caminho para que pudesse adentrar o universo da Mina Brejuí e a memória curraisnovense, permito-me destacar:

- Deus, Artífice-Maior do conhecimento;
- Professora Maria Ferdinanda, pela proficiente orientação, que me ensinou que ser mestre não é apenas lecionar; ensinar não é apenas transmitir o conteúdo programático – ser mestre é ser orientador, amigo, guia e companheiro, é ser exemplo de dedicação, de doação, de dignidade pessoal;
- Todos que colaboraram para a realização deste trabalho, em especial, o Professor Joabel pelo apoio, incentivo e material fornecido;
- Meus familiares, em especial, minha mãe Damares Vilela e minha tia Marta Lisboa;
- Minha companheira Soliana de Araújo Silva, pela paciência e apoio nos momentos de silêncio.

A todos, apresento a profundidade dos conhecimentos plenos, na certeza de que nossos sonhos renascerão na perseverança e na obstinação em busca do conhecimento.

Tudo que é sólido desmancha no ar.

(Karl Marx)

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

(Marshall Berman)

RESUMO

O presente trabalho monográfico, intitulado “Entre o transformar e o persistir: as mudanças e as memórias produzidas a partir da simbologia desenvolvimentista da Mina Brejuí Curraisnovense (1943-2004)”, objetiva analisar as representações sociais produzidas em torno do ciclo da scheelita, ocorrido em Currais Novos de 1943 a 1997 e a construção, no imaginário coletivo, de uma significação ímpar para a referida atividade econômica e seus empreendedores. Sob essa perspectiva, o estudo surge a partir da análise de teóricos que tratam de temas como “memória”, “modernidade”, “intelectuais”, “cidades”, “representações sociais”, favorecendo, assim, a elaboração de um trabalho pautado na Nova História Cultural, a qual compreende os sujeitos históricos na sua relação contraditória com os grupos a que pertencem e com a realidade da qual fazem parte, ajudando a construí-la, a partir de suas idealizações e de suas práticas culturais.

Depreende-se, assim, que o ciclo da scheelita, na cidade de Currais Novos, contribuiu para a inserção do Município nos cânones da economia mundial, até meados (na) década de 1970, configurando, pois, a imagem de Tomaz Salustino Gomes de Melo e de sua família, como retratos fidedignos da identidade do povo curraisnovense, uma vez que os empreendimentos por eles realizados, como estratégias eficazes para a sua perpetuação no poder, contribuíram, acima de tudo, para cristalizar no imaginário popular local, o status proveniente da atividade econômica que desenvolveram no município de Currais Novos.

ABSTRACT

The present monography, entitled "Among the to transform and persisting: the changes and the memoirises produced starting from Mina Brejuí Curraisnovense's symbol of development (1943-2004)", it objectifies to analyze the social representations produced around the cycle of the scheelita, happened in Currais Novos from 1943 to 1997 and the construction, in the imaginary collective, of an odd significance for referred her economic activity and its entrepreneurs. Under that perspective, the study it cracks of the analysis of theoretical that are about themes as "memory", "modernity", "intellectuals", "cities", "social representations", favoring, like this, the elaboration of a work set in the New Cultural History, which understands the historical subjects in its contradictory relationship with the groups the one that belongs and with the reality of the which they are part, helping to build it, starting from its thoughts and of its cultural practices.

It is apprehend, like this, that the cycle of the scheelita, in the municipal district of Currais Novos, contributed to the insert of the Municipal district in the canons of the world economy, even middles of the decade of 1970, configuring, in that way, the image of Tomaz Salustino Gomes de Melo and of its family, as trustworthy pictures of the identity of the people curraisnovense, once the enterprises for them accomplished, as effective strategies for its continuation in the power, they contributed, above all, to crystallize, in the local popular imaginary, the coming status of the economic activity that they developed, in the municipal district of Currais Novos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I	
Do Gado a Scheelita: percurso da economia curraisnovense (1755-1943)	10
Ciclo do Gado	10
Ciclo do Algodão	11
Ciclo da Scheelita	14
CAPÍTULO II	
A cidade (re)visitada: Currais Novos nos rumos do progresso (1943-2004)	18
Sobre cidades	18
Da cidade ao sujeito: a atuação de Tomaz Salustino Gomes de Melo	19
O Homem	20
O Intelectual	21
O Empreendedor	22
Transformar para persistir: desenvolvimento econômico e urbano nos tempos da Mina Brejuí (1943-1997)	23
CAPÍTULO III	
Mina Brejuí: a persistência da memória (1943-2004)	26
Sobre memória e silêncios	26
Dos tempos da Mina Brejuí: heranças construídas no imaginário popular	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXOS	35

INTRODUÇÃO

A história da humanidade vem se compondo a partir de tensões e conflitos, derrotas e vitórias, capazes de caracterizar o seu desenvolvimento a partir de forças contraditórias, de movimentos oscilatórios, provenientes das lutas pelo poder e para se perpetuar nele. Dessa forma surgiram as grandes revoluções, a princípio de caráter inovador, mas que, com o tempo, os seus líderes acabaram construindo um status em torno da nova situação, da qual não desejavam abdicar, forçando, assim, novas lutas, agora para a sua perpetuação no poder.

Entre transformações e persistências, os homens travam as suas batalhas cotidianas, admitindo a formação de uma identidade de grupo que os caracteriza, embora, às vezes, essa identidade se torne bastante flexível, assim como os interesses e os sujeitos que a compõem.

É neste sentido que surge o tema abordado para o presente trabalho: *“Entre o transformar e o persistir: as mudanças e as memórias produzidas a partir da simbologia desenvolvimentista da Mina Brejuí Currais-novense (1943-2004..)”*. A monografia, elaborada a partir das exigências para a conclusão do curso de História, objetiva evidenciar a Mina Brejuí em seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, na medida em que, tendo sido a maior fonte produtora de tungstênio da América do Sul e, também, a maior produtora de scheelita do Brasil, chegando a assumir 90% da produção nacional no auge da exploração mineradora do estado do Rio Grande do Norte, representou, para a cidade de Currais Novos, um símbolo de mudança, inovação e (re)novação dos hábitos, usos, costumes e práticas culturais que se deixavam ver na sociedade curraisnovense da época. Atrelado a todo esse potencial desenvolvimentista, a elite detentora do poder advindo da exploração mineradora, inaugurou, através das décadas, a construção de uma memória voltada para os tempos áureos da mina, algo que ainda persiste no imaginário coletivo do povo de Currais Novos.

A metodologia utilizada para a realização do referido trabalho constituiu-se a partir de leitura bibliográfica referente aos seguintes temas: economia mineradora no Brasil, no Estado do Rio Grande do Norte e no Município de Currais Novos, ciclos econômicos do Município

abordado, biografias e reportagens sobre Tomaz Salustino Gomes de Melo, além da sua produção intelectual em vários jornais e revistas literárias; somada a isso, a pesquisa voltou-se para estudos teóricos referentes ao conceito de memória, de modernidade, de cidade, de intelectuais e de representações sociais. Também foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de visitas ao Memorial “Desembargador Tomaz Salustino” (Anexo 1), além de entrevistas com antigos operários da Mina Brejuí e com curraisnovenses de várias faixas etárias, no intuito de desvendar o que restou no imaginário coletivo dos tempos da Mina Brejuí.

Neste sentido, a temática desenvolvida associada ao recorte temporal que subsidiou a pesquisa (1943-2004), justifica-se à medida em que se entendem as repercussões da época da mineração nos tempos atuais como o eixo norteador de uma memória que se quer prolongar no decorrer dos tempos, haja vista todas as estratégias de que a família Salustino valeu-se para solidificar o seu nome, enquanto representante do progresso e da civilização, no município de Currais Novos. Sendo assim, a economia mineradora do município, mesmo enfrentando um declínio proveniente da inviabilidade de investimentos, continua atuando no imaginário coletivo como um símbolo que deve ser preservado, uma vez que a identidade de seu povo adquiriu marcas especiais provenientes do período áureo da mineração. Sob este prisma, ^{pretende-se} pretende-se investigar o modo como aquela época persiste no cotidiano do curraisnovense atual e de que forma o comportamento deste tem como uma das causas a construção de uma identidade local permeada de signos referentes a um período marcado por riqueza e sucesso, o que, conseqüentemente, influencia em alguns hábitos culturais dessa sociedade.

O presente estudo divide-se em três capítulos. O primeiro, denominado “*Do Gado à Scheelita: percurso da economia curraisnovense (1755-1943)*”, trata dos ciclos econômicos pelos quais passou a cidade de Currais Novos. Através de uma caracterização histórica da trajetória econômica vivida pelo Município desde os seus primórdios, o referido capítulo tece um preâmbulo das marcas centrais do presente estudo, uma vez que fornece o panorama no qual os projetos de intervenção, através das inovações urbanas provenientes da economia mineradora, deixaram ver as particularidades de um discurso advindo de um determinado grupo social.

O segundo capítulo – “*A cidade (re)visitada*¹: *Currais Novos nos rumos do progresso (1943-2004)*” – trata especificamente do tema “Cidade”, fornecendo um aparato de informações relativas à simbologia própria deste espaço, principalmente em se tratando de um período em que se estava confirmando os ideais de uma cultura urbana e letrada, aliados ao conjunto de transformações urbanas que se fizeram necessárias na Currais Novos da época, para que, além de um novo ideário ser instaurado, uma nova elite se formasse com base na economia mineradora. Além disso, focaliza o empreendedor Desembargador Tomaz Salustino (Anexo 2), responsável pela fomentação da economia em questão, uma vez que era o dono das terras em que os minérios foram encontrados, além de se constituir como um homem múltiplo, tendo em vista que assumiu, em determinados períodos de sua trajetória, a postura de político e intelectual, condições que favoreceram o seu espírito empreendedor, tão necessário para o alcance de suas metas.

Terceiro capítulo: “*Mina Brejuí: a persistência da memória (1943-2004)*”. Trata das memórias e do imaginário coletivo, fornecendo um panorama conceitual que objetiva justificar a perpetuação das marcas desenvolvimentistas da Mina Brejuí, resultantes de uma maciça significação conferida a este período da história do Município, até os tempos de hoje presentes em monumentos, em nomes de pessoas e em tentativas de fuga da realidade como forma de burlar a crise econômica atual.

¹ O termo (re)visitada faz referência ao novo ideal de cidade que passou a ser difundido a partir do século XX, uma cidade moderna, civilizada, cujo desenvolvimento especificamente estava atrelado à economia mineradora. Portanto, uma cidade diferenciada da que até então havia sido construída através de uma sociedade agrária e rural. Vale salientar que esse ideal de cidade também se deixou ver à época da economia do algodão; no entanto, foi consolidada essa nova concepção a partir do progresso conquistado nos tempos da Mina Brejuí.

CAPÍTULO I

DO GADO À SCHEELITA: PERCURSO DA ECONOMIA CURRAISNOVENSE (1755-1943)

Ciclo do Gado

A cidade de Currais Novos, assim como vários outros municípios do Rio Grande do Norte, originou-se a partir da fixação do homem à terra por intermédio da instalação de currais à época do ciclo do gado, introduzido inicialmente no Brasil durante o século XVI, cuja importância justifica-se pela necessidade de meio de transporte na colônia, força motriz para o maquinário do engenho, fonte de alimento e de couro. Em 1755, com a chegada do Coronel Cipriano Lopes Galvão, para residir na data — terra cedida pela Coroa destinada à exploração da colônia — denominada Totoró, iniciam-se as atividades ligadas à pecuária na região seridoense, onde a troca e venda de gado eram realizadas em grandes propriedades rurais. Foi neste contexto de expansão que surgiu o povoamento, o município e, mais tarde, a cidade de Currais Novos.

Com a demanda de gado sendo bem aceita no mercado, o primogênito do Coronel Cipriano Lopes Galvão, Capitão Mor Galvão, que posteriormente teve seu nome homenageado através de um grupo escolar na cidade, deu continuidade aos trabalhos do pai, instalando a fazenda dos currais novos, erguendo nela uma capela dedicada à Santana que, posteriormente, tornar-se-ia padroeira do lugar. *explora* ?

Apesar da pecuária ser, inicialmente, uma atividade econômica imposta pela atividade açucareira, devido à necessidade de abastecimento de carne para alimentar a população da área de canaviais e de provimento de animais para o trabalho dessa região, tornou-se, com o tempo, um símbolo de ocupação maciça do interior do Brasil, justificando, portanto, a sua expansão.

A criação de gado era feita de forma extensiva, daí ser pequena a quantidade de escravos, uma vez que o vaqueiro realizava a maior parte das tarefas necessárias para a criação do gado, a saber: campear, ferrar, benzer, amansar e alimentar todo o gado da fazenda.

No século XIX, a pecuária passou por uma forte crise decorrente, sobretudo, do desenvolvimento de uma outra atividade econômica, a algodoeira, a qual se apresentava mais rentável em virtude das adversidades climáticas apresentadas pela região, além de ser o algodão um produto agrícola, na época, bastante requisitado pelo cenário internacional.

Ciclo do Algodão

A partir de 1880, a cultura do algodão passou a se impor como principal produto agrícola de exportação do Rio Grande do Norte, especialmente com a introdução, no beneficiamento do algodão, da máquina a vapor. Desta forma, houve um fortalecimento dos proprietários rurais que se tornaram, também, comerciantes.

A cultura algodoeira era considerada mais democrática, uma vez que coexistia com outras culturas, como as de subsistência e a do gado, além do que o trabalho escravo era dispensável e menos lucrativo para o proprietário rural, uma vez que a cultura algodoeira se dava a partir de um ciclo vegetativo curto, sendo possível devido à sua leveza, cuja colheita era feita por mulheres e crianças, favorecendo, portanto, a quase inexistência de trabalho escravo na região.

Nas primeiras décadas do século XX, em virtude do avanço proveniente da cultura algodoeira, muito requisitada pelo mercado externo, Currais Novos contou com um expressivo progresso:

Criação e instalação do Grupo Escolar Capitão Mor Galvão (Anexo 3) em 1911; instalação do telégrafo nacional em 1915; construção do mercado público (Anexo 4) em 1916; criação da Comarca de Currais Novos, pela Lei nº 453, de 27 de novembro de 1919; construção da estrada de automóvel do Seridó em 1919, que

ligava Natal a Acari, passando por Macaíba, Santa Cruz e Currais Novos; construção de uma estrada carroçável ligando Currais Novos a Picuí/PB; elevação de Currais Novos à condição de cidade através da Lei nº 486, de 29 de novembro de 1920; aquisição dos primeiros automóveis da cidade em 1920; instalação de "fábricas" onde eram produzidos óleo de caroço de algodão, sabão e estopa, essa usada no enfiamento da fibra de algodão para exportação [...]; iluminação da cidade com energia elétrica, em abril de 1924. (Souza, 1991).

A existência de uma feira popular (Anexo 5), intensificando as relações comerciais e de uma Igreja (Anexo 6), refletindo a fé do homem sertanejo, especificamente, por intermédio da imagem de Santana, completava o contexto de desenvolvimento que circundava o município de Currais Novos.

Uma das características da feira popular de Currais Novos, na época, era o intenso trânsito de pessoas das cidades vizinhas, o que gerava um intercâmbio comercial favorável à economia algodoeira. A feira acontecia em torno do Mercado Público e constituía-se de uma grande variedade de mercadorias desde alimentação e artesanato até vendas de animais.

Nessa época, já começavam a circular em Currais Novos os primeiros automóveis, os quais José Bezerra Gomes, neto do Cel. José Bezerra de Araújo e grande representante da Literatura Curraisnovense, faz referência em sua obra *Os Brutos*, que retrata a década de 1930, no município:

Agora eram os algodoeiros que estavam florando e acasulando nos roçados. Fazia gosto de dizer como tudo renascia na força e na esperança da safra. Algodão na folha estava dando um preço e haviam soltado tanto dinheiro nas feiras de Currais Novos que um homem das bandas da Zangareia tinha lavado o cavalo com cerveja e acendido um charuto com uma nota de cem mil-réis.

Seu Tota Alves tinha chegado de Natal com muito dinheiro tirado nos bancos e o automóvel que tinha comprado para as suas viagens de negócios ainda estava parado na porta do escritório. Jesus, o chofer, debruçado na roda da direção, gozava orgulhoso o povo olhando admirado para o carro. (Gomes, 1998).

Assim sendo, pairava na cidade uma perspectiva de progresso justificada pelo período áureo da cultura algodoeira, nas primeiras décadas do século XX. A existência de jornais circulando na cidade, como *O Progresso*², *O Batef*³, *O Porvir*⁴, *O Galvanópolis*⁵ e de uma revista literária denominada *Ninho das Letras*⁶, só reafirmava o surgimento de novos hábitos culturais provenientes dos ideais de modernidade baseados no letramento e na urbanidade. Isso porque, civilizar a população significava educá-la e encaminhá-la para os novos rumos que a cidade deveria tomar. Através do patrocínio da elite algodoeira, a imprensa e a educação se colocaram a serviço dessa modernidade, uma vez que realizaram uma campanha em torno da necessidade de acabar com as altas taxas de analfabetismo que imperavam na sociedade curraisnovense da época.

Dada a singularidade dessa elite agro-patriarcal, que também se mostrava preocupada com o desenvolvimento cultural da cidade, os jornais viam-se no dever de retribuir o favor, reverenciando, em suas páginas, a importância da cultura algodoeira para a época e para o lugar. Um exemplo disso foi a revista literária *Ninho das Letras*, que dedicou duas páginas inteiras de um número especial que circulou em janeiro de 1927, para *O Nosso Algodão*⁷:

A tremenda crise que os sertões ora presenciam com a depreciação da sua única fortuna, longe de ser uma ameaça à cultura algodoeira, vem mais uma vez demonstrar a necessidade de se cuidar com carinho do algodão, intensificando os processos

² Jornal que circulou em Currais Novos na primeira década do século XX.

³ Jornal que circulou em Currais Novos nos anos de 1905 e 1906.

⁴ Jornal que circulou em Currais Novos entre os anos de 1926 e 1929.

⁵ Jornal que circulou em Currais Novos entre os anos 1931 e 1932

⁶ Revista literária que circulou em Currais Novos entre os anos de 1925 e 1927.

racionais de sua cultura e ministrando-lhe cuidados compatíveis com o renome mundial por ele conquistado.

O nosso algodão não há congênere nem substituto em todo o mundo, como é do domínio geral. Nenhum povo poderá produzi-lo tão economicamente como nós o fazemos e fizemos bem.

(Lamartine, 1927).

Entendendo a escrita como aquilo que “*tem como alvo uma eficácia social*” (Certeau, 1996), tendo em vista que aquele que escreve sofre as influências do seu tempo e dos leitores para os quais se dirige, admite-se que a imprensa periódica da época, enquanto dispositivo discursivo permeado de significação, pretendia instaurar um cotidiano de valorização da cultura algodoeira, uma vez que esta estava sendo a responsável pela fomentação do progresso na cidade de Currais Novos.

Ciclo da Scheelita

As primeiras ocorrências de scheelita se deram nas terras de propriedade do Desembargador Tomaz Salustino, quando, segundo Maria Vilma Cunha, “*Zé Dias que carregava areia do riacho Brejuí, no lombo de jumentos, interessou-se pela pedra “branco-azulada” e extremamente pesada em relação às demais*” (Cunha, 1988). Em seguida, Zé Dias resolveu entregar a pedra ao proprietário da referida terra, que prontamente a encaminhou para exames no Rio de Janeiro, onde foi constatada a ocorrência de scheelita, sendo fundada, em 1943, a Mina Brejuí, o que deu início ao processo de exploração do minério, através do método da garimpagem.

Em virtude do elevado preço pago pelos norte-americanos, a produção inicial passou a ser orientada por elementos externos, uma vez que esta era destinada à exportação, cujo aproveitamento ocorreu devido à Segunda Guerra Mundial, que fizera aumentar a importância da scheelita. Para equilibrar o valor da scheelita, bastaria dizer que, em Portugal, casas e, depois,

Artigo redigido por O. Lamartine e publicado nas páginas 07 e 08 de número especial da Revista *Ninho das Letras*, que circulou em 01/01/1927.

Ver o nº 7

aldeias completas foram arrasadas no *rush* (corrida) de procura por este minério. Até 1954, tinham sido retirados da Mina 4.899.920 kg de scheelita, sendo suas reservas, na época, incalculáveis.

A importância da scheelita, natural de cálcio, deu-se devido à extração do tungstênio (elemento usado em produtos que exigem resistência a altas temperaturas, como armas de fogo, filamentos de lâmpadas incandescentes, brocas de perfuração de rochas e pontas de canetas esferográficas), geralmente era descoberta nos pegmatitos graníticos e sempre associada à molibdenita, pirita, granada, etc. No Brasil, é encontrada em numerosos municípios do Rio Grande do Norte e em alguns da Paraíba e do Ceará. Registram-se perto de 300 ocorrências de scheelita em todo o Nordeste, embora somente algumas sejam consideradas minas em potencial.

A ascensão de Currais Novos na hierarquia urbana do Estado deveu-se à economia diversificada, sobretudo com a intensificação da extração da scheelita e depois com a melhoria das condições para as atividades do comércio. A absorção interna muito reduzida propiciou a exportação para os Estados Unidos, Holanda, Alemanha e Japão. As jazidas descobertas na Mina Brejuí continham além da scheelita, enxofre, berilo, malaquita, quartzo, dentre outros.

Gradativamente, a Mina Brejuí foi crescendo. A scheelita e o tungstênio exigiam um trabalho além da batéia (gamela feita de madeira usada para lavar as areias que contém minerais). Surgiu o engenho, que era o local onde se processava o trabalho com a scheelita; a mecanização; o laboratório e a vinda de técnicos especializados, além de novos e modernos equipamentos que foram sendo adquiridos diretamente nos Estados Unidos. Numeroso era o quadro de garimpeiros e operários de outras profissões, tais como: mecânicos, carpinteiros, motoristas e sapateiros, além de funcionários de escritório. O Desembargador Tomaz Salustino construiu, às suas custas, na localidade, uma vila operária (Anexo 7), uma escola, um templo religioso (Anexo 8), um clube social, a Cooperativa de Consumo Popular, Casa de Força e Luz, moinho de extração de minério, difusora, escritórios, garagens, galpões, almoxarifado, farmácia, ambulatório, campo de aviação e centro de escotismo — que servia para estabelecer na juventude curraisnovense uma conscientização acerca dos seus deveres perante a sociedade, bem como envolvê-los em obras de assistência social promovidas pelo grupo.

Os rumos do desenvolvimento também se mostravam a partir da intensa geração de empregos diretos e indiretos. A abertura de bancos possibilitou maior circulação de dinheiro, o comércio lucrou com o aumento no número de trabalhadores, formando uma classe social estável e com renda fixa, que assegurava a lei da oferta e da procura. As famílias passaram a se preocupar em vestir melhor os seus filhos, afinal, moravam numa cidade reconhecida no mercado internacional, logo, tinham que fazer jus a tamanho privilégio.

Percebe-se, portanto, que houve a intenção de construir todo um aparato que fornecesse subsídios à atividade mineradora, capaz de fortalecer esse nicho econômico de forma mais eficaz principalmente após a construção de uma agência do Banco do Brasil, no município de Currais Novos, de um Hotel, de cinema, sorveteria, posto de puericultura e Estação de Pousou favorecendo a composição de um ideário desenvolvimentista que sacralizou os tempos da mineração em Currais Novos, no imaginário popular.

A Mina Brejuí, durante os seus 54 anos de existência, chegou a extrair cerca de 180 mil toneladas de minério por ano, o que contabilizou aproximadamente cinco milhões de toneladas de minério; no entanto, a exploração tornou-se inexecutável em função da concorrência internacional, que tem sua ascensão a partir dos anos 70, tendo como destaque a China que inviabilizou completamente a exploração do produto.

A concorrência da China, associada à descoberta das cerâmicas e das fibras de carbono, mais resistentes ao calor, pôs a scheelita em segundo plano fazendo com que o minério sofresse uma queda brusca de preços propiciando a decadência da mineração em Currais Novos. Em 1985, quase não se exportava mais a scheelita e o minério perdeu sua importância na pauta das exportações do Estado. Por essa razão, a Mina Brejuí encerrou as suas atividades em 1997. Atualmente, deve existir no município de Currais Novos perto de 6.000 aposentadorias geradas pela indústria extrativista mineral.

O impacto causado pelo encerramento das atividades mineradoras no município de Currais Novos de início foi grande e teve seus desdobramentos ao longo dos anos.

Primeiramente, a economia local mergulhou em uma instabilidade desconhecida para os seus habitantes, tendo como principal consequência a falta de trabalho e de oportunidades; por outro lado, a fomentação do comércio enquanto novo eixo norteador da economia local incitou a criatividade de seu povo, antes resguardada pela confiança que inspirava a atividade mineradora. Muitos são os empregos informais e os subempregos de que vive a população. A inviabilidade econômica da exploração mineradora nos dias atuais consegue se sobrepor à natural falta de incentivo do governo, tendo em vista que a produção local não suporta mais as exigências do mercado.

Embora a atividade mineradora tenha conhecido sua paralisação, a Mina Brejuí é dona de um cenário de encher os olhos daqueles que a visitam. A presença das serras ao redor, somadas às dunas brancas formadas pelos rejeitos de scheelita e a um conjunto de túneis localizados em um labirinto com despejos e chaminés que representavam o local de extração, enche de mistério e aventura, sendo explorada turisticamente. Hoje, aproximadamente setenta famílias moram na vila, localizada nos arredores da mina.

CAPÍTULO II

A CIDADE (RE)VISITADA: CURRAIS NOVOS NOS RUMOS DO PROGRESSO (1943-2004)

Sobre cidades

A cidade moderna nasce através de uma consciência racionalizadora atendendo ao *sonho de uma ordem* (Rama, 1985) que redistribui o espaço, condiciona as pessoas a um novo modo de vida, devidamente planejado segundo os ideais de uma cultura letrada que legitima o poder hegemônico a partir de códigos, leis e posturas diferenciadas.

Esse ideal de cidade passou a surgir em fins do século XIX, tendo o seu auge até meados do século XX. A necessidade da “desruralização” dos modos de vida e de pensar, com o objetivo de instituir um ideário de progresso e civilização, conferiu aos homens das letras uma importância ímpar, tendo em vista que estes seriam os responsáveis pela idealização e legitimação de um projeto de modernidade capaz de conferir novos rumos à nação.

A composição de novas identidades a partir de uma simbologia desenvolvimentista que, praticamente assassina o passado, transforma as mentalidades e redimensiona os discursos fazendo com que os habitantes dessa nova cidade se adequem à nova realidade que os circunda.

No entanto, essa adequação não é instantânea, principalmente em se tratando do Brasil, cuja história aponta indícios de submissão aos novos ideais que a cultura estrangeira impõe sem a necessária adaptação à realidade nacional.

Particularizando a análise, Currais Novos também recebeu essa nova carga de valores pautada nos ideais de urbanidade e letramento, em dois momentos de sua história: primeiro, à época do ciclo do algodão, quando na circulação de jornais e revista que teceram o retrato da

Currais Novos da época e se fizeram artífices essenciais para a composição desse novo ideal de cidade e de maneiras de fazê-la, a partir da defesa de novos costumes, novos ritos, capazes de promover o soerguimento de uma Currais Novos atendida com os rumos do progresso que estavam sendo cultivados em cenário nacional; e, em seguida, nos áureos tempos da mineração, cuja reconstrução urbana deu a ler as marcas das representações construídas pela elite da época e do lugar, representações essas que ainda se fazem latentes física e ideologicamente entre os caminhos da cidade.

Da cidade ao sujeito: a atuação de Tomaz Salustino Gomes de Melo

Segundo a perspectiva da Nova História Cultural, a concepção dos sujeitos históricos e dos grupos sociais aos quais estes pertencem tem adquirido um caráter plural digno das manifestações contraditórias que tais sujeitos promovem. Assim sendo, as maneiras de fazer e de (re)inventar um cotidiano muitas vezes partem da iniciativa de um determinado grupo social que tenta, através dessas práticas diferenciadas, instituir uma nova concepção de vida forjando representações do mundo social que atendam aos seus propósitos elitizantes:

As representações do mundo social assim construídas [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas [...] que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (Chartier, 1990).

Sob este prisma, entende-se por estratégias “a manipulação das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...] pode ser isolado” (Certeau, 1994). Desta forma, a(s) elite(s) de uma determinada sociedade assume(m) o poder de elaborar estratégias para perpetuar a situação em que se encontram, em favor do domínio que exercem sobre as camadas desfavorecidas.

*sujeito
de
querer
e
poder*

Assim, torna-se precípua a caracterização do sujeito histórico que possibilitou, no seu devido tempo, a construção de uma Currais Novos condizente com a sua importância econômica no cenário internacional através da exploração da scheelita, a saber: Desembargador Tomaz Salustino Gomes de Melo.

O Homem

Tomaz Salustino Gomes de Melo nasceu no sítio Alívio, no município de Currais Novos, em 06 de setembro de 1880. Filho de Manoel Salustino Gomes de Macedo e de Ananília Regina de Araújo, juntamente com seus irmãos Sinhá, Aristides, Ritinha, Lindolfo, José, Adélia, Assis e Alcindo, formavam uma família extremamente religiosa e cuidadosa com os rumos que os seus componentes deveriam tomar. Tendo em vista tais preocupações, Tomaz Salustino esforçou-se, nos ensinamentos primário e secundário, para ter o privilégio de se preparar no Atheneu Norte-riograndense para o ingresso na faculdade de Direito, em Recife. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, casou-se, em 1904, com Tereza Bezerra de Melo, filha do Coronel José Bezerra de Araújo Galvão (Anexo 9), um dos nomes mais fortes da elite algodoeira do Seridó.

No decorrer de sua trajetória, muitas foram as atividades realizadas por Tomaz Salustino, dentre elas: agricultura, política (como deputado estadual e vice-governador na gestão de José Varela por ocasião da redemocratização brasileira em 1945), contribuiu para jornais, foi empreendedor no setor de mineração e, ainda, exerceu uma carreira jurídica impecável, através da qual realizou uma série de atividades: foi ajudante de Procurador da República do Município; atuou intensamente como Advogado em Currais Novos e outros municípios do Estado de 1910 a 1920, quando então assumiu a Comarca de Currais Novos, tendo sido seu primeiro Juiz de Direito; presidiu a Liga de Defesa Nacional em Currais Novos e foi membro do Diretório Municipal de Geografia, em 1938; também foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e premiado pela Diretoria de Estatística Nacional como informante da Liga de Defesa da Produção, além de ter recebido prêmios também do Instituto

Agrícola Brasileiro (medalha de ouro e diploma na Exposição Nacional de 1922, pelos produtos expostos).

Após 82 anos de uma trajetória voltada para o desenvolvimento econômico, político e cultural de sua cidade, Tomaz Salustino falece em 30 de junho de 1963, deixando como legado a memória cultural que ajudou a construir a partir de suas práticas culturais, memória cujo cerne reside em sua imagem constituída através de um discurso de exaltação e saudosismo, característica progressista que lhe foi conferida através dos tempos. ?

O Intelectual

São intelectuais aqueles que escrevem os projetos de intervenção junto à sociedade, através das formas de saber científico, a saber: a medicina, higienizando os costumes; a engenharia, organizando os espaços físicos; assim como a educação e a imprensa, ambas empenhadas na construção de uma cultura hegemônica, que se baseia na preponderância de um grupo social sobre os demais que formam uma determinada sociedade.

Contribuindo para vários jornais de sua época, dentre os quais, *Diário de Natal*, *O Progresso*, *O Batel*, *O Galvanópolis*, sendo redator da revista literária *Ninho da Letras* e do jornal *A Voz do Seridó*, Tomaz Salustino deixou ver as marcas de um discurso pautado nos ideais mais largamente divulgados na época, dos quais progresso, civismo, civilização e fé eram freqüentes, uma vez que se constituíam como uma sùmula do projeto de modernidade construído para a época, na qual reformar a sociedade significava colocá-la nos rumos do desenvolvimento, mas sem abdicar da nobreza de caráter e da conformação moral.

Um homem de seu tempo a serviço da cultura em voga e que soube como se utilizar das letras no intuito de tornar públicas as idéias por ele defendidas. Tomaz Salustino pode ser considerado um legítimo representante da intelectualidade curraisnovense. Sob este prisma, pode ser confirmado o caráter múltiplo de sua personalidade, uma vez que defendia novos ideais, sem abrir mão das tradições que formaram a sua identidade enquanto homem sertanejo e dotado de fé, dada à sua formação familiar de base religiosa. Uma prova disso é o artigo que o mesmo escreveu

para a revista *Ninho das Letras*, caracterizando *A Cruz*⁸, signo cristão de sofrimento, fé e civismo, no sentido de reforçar a necessidade de se apegar à sua simbologia, como forma de vencer a incredulidade e a instabilidade moral de um povo:

Dai os efeitos contraproducentes que nos ameaçam cada dia, envolvendo a mocidade contemporânea deste labirinto de crenças e de opiniões diversas crenças, opiniões e modas novas que a fazem descambar no despenhadeiro comum da degradação dos costumes.

É quem nos salvará, nesta rota arriscada do futuro?

A Cruz, somente a Cruz!

[...]

A Cruz redentora que é o sinal altiloqüente do cristianismo invencível e triunfante!

A Cruz que se retrata na espada flamejante da Justiça, emblema da força que mantém o equilíbrio social dos povos.

Além disso, Tomaz Salustino foi membro fundador do "Grêmio Literário Le Monde Marche" e escreveu, em 1919, o primeiro Código de Postura Municipal de Currais Novos, contribuindo, portanto, para a consolidação de uma cidade moldada através de uma cultura letrada que lhe confere significação e legitimidade.

O Empreendedor

Apesar de sua intensa atuação na sociedade curraisnovense nas primeiras décadas do século XX, o que tornará notável o nome de Tomaz Salustino Gomes de Melo, será a sua postura enquanto empreendedor quando, em suas terras, foram encontradas as primeiras ocorrências do

⁸ Artigo publicado nas páginas 09 e 10 de um número especial da Revista *Ninho das Letras*, que circulou em 01/01/1927.

minério scheelita. Isso implica dizer que somente aos sessenta e três anos Tomaz Salustino viu despontar o seu nome no cenário internacional como uma das maiores fortunas do mundo.

Assim é que, contando com a colaboração do seu filho Silvio Bezerra de Melo e a do engenheiro de minas Sandoval Carneiro de Almeida, consegue mecanizar em 1952 o garimpo iniciado em 1943 a céu aberto, edificando o parque industrial de Brejui e sua vila operária, tornando-se o pioneiro da mineração mecanizada do nordeste brasileiro, atraindo a atenção de mineradores internacionais. (Bezerra, 2000).

O espírito empreendedor de Tomaz Salustino foi além das fronteiras da Mina Brejui alcançando os limites do município de Currais Novos, chegando a ultrapassá-los, na medida em que, com a construção de estradas para automóveis, favoreceu o trânsito de pessoas de outras localidades para o Município transformando-o em um palco favorável para o despontar de todas as suas realizações. Adiciona-se a isso, o intercâmbio advindo dessa ligação entre o território curraisnovense com outras localidades.

Transformar para persistir: desenvolvimento econômico e urbano nos tempos da Mina Brejui (1943-1997).

Segundo o pensamento marxista, pautado no materialismo histórico, os grandes movimentos políticos, sociais e intelectuais da história têm sido impulsionados pela maneira como os homens organizam e distribuem a produção de bens. Ou seja, o modo de produção da vida material condiciona o conjunto dos processos da vida social, política e cultural; todo o sistema de valores que rege uma determinada sociedade.

Desta forma, entende-se que o ciclo da scheelita, no município de Currais Novos, condicionou uma série de mudanças no cotidiano curraisnovense, uma vez que, favorecendo o desenvolvimento econômico daquela localidade, foi capaz de se constituir como legítima identidade, não só econômica, mas também, sócio-cultural da sociedade local.

No entanto, em se considerando a noção de *representações sociais* pensada por Roger Chartier (1990), adiciona-se ao cenário de desenvolvimento, não apenas a atividade econômica, mas, principalmente, os sujeitos que se anunciam como representantes legítimos da camada social detentora do poder sobre essa atividade. No caso da exploração mineradora em Currais Novos, pode-se citar a atuação do Desembargador Tomaz Salustino que, sendo dono das terras em que a scheelita fora encontrada, soube como criar e manter um símbolo desenvolvimentista em torno de sua imagem e de sua família.

A (re)configuração do espaço físico do município não só serviu de aparato técnico e infra-estrutural para a economia mineradora, como também tornou-se uma justificativa para a composição de um ideário desenvolvimentista capaz de conferir à mineração e às pessoas ligadas a ela, um status social que ainda perdura no comportamento dos curraisnovenses.

Verifica-se que as décadas de 1940 e 1950 serviram de berço para diversas realizações no município de Currais Novos. Principalmente em se falando da povoação da Mina Brejuí, que passou a contar, dentre outras edificações, com uma vila operária, um grupo escolar, um posto de saúde e um clube social.

Na cidade de Currais Novos, um dos maiores acontecimentos se deu quando da implantação de uma agência do Banco do Brasil (Anexo 10), em 03 de julho de 1954, com fachadas de mármore, através da concepção do arquiteto mineiro Dr. Otávio Róscol e do trabalho do construtor Joaquim Siqueira. A referida implantação serviu não apenas para as transações financeiras da atividade mineradora, mas também se constituiu como signo do progresso que se estava obtendo na época.

A construção de uma sorveteria, um cinema, uma rádio e uma papelaria dinamizou o comércio e viabilizou a movimentação de pessoas na cidade, conferindo ao Município características que a confundiam como capital da região seridoense.

19/10/00

Quanto à hospitalidade, o luxuoso Tungstênio Hotel (Anexo 11) estava ao dispor daqueles que vinham a Currais Novos com propósitos comerciais e turísticos; a construção de uma pista de pouso de aviões facilitava as transações comerciais e conferia a Currais Novos um status social dentre poucos do Estado.

A implantação do Educandário Jesus Menino (Anexo 12), pertencente à Congregação das Filhas do Amor Divino, confirma a religiosidade típica do povo do lugar e fornece um espaço educativo para os filhos da elite curraisnovense; em contrapartida, a construção do Colégio Comercial de Currais Novos atendia aos propósitos de uma educação tecnicista apropriada para o grupo social que serviria de mão-de-obra para as atividades da Mina Brejuí.

Ademais, a construção de um Posto de Saúde destinado às crianças e a contribuição incontestante para a construção do Hospital “Padre João Maria” (Anexo 13) e da Maternidade “Ananília Regina”, configuram-se como legítimas preocupações com o desenvolvimento integral do município de Currais Novos.

Todas essas transformações atendiam aos interesses da elite da época. A maior prova disso é o nome escolhido para algumas edificações: o hotel recebe o nome de “tungstênio”, elemento que é extraído da scheelita, minério cuja extração e comercialização conferiram status para a elite do lugar; a rádio recebe o nome de “Brejuí”, uma homenagem à mina onde as reservas de scheelita foram encontradas; a papelaria denomina-se “A Mina de Ouro”, uma sugestiva alusão ao ciclo econômico das minerações que prevaleciam na época; somadas a isto, as manifestações *honoríficas* que se deixaram ver nas denominações recebidas pelo Grupo Escolar da Mina Brejuí – Manoel Salustino Gomes de Macedo – pai de Tomaz Salustino; e pela Maternidade intitulada “Ananília Regina”, nome da mãe do Desembargador, configuravam-se como estratégias de autenticação do nome da família como registro da identidade de todo o povo curraisnovense.

CAPÍTULO III

MINA BREJUÍ: A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA (1943-2004)

Sobre memória e silêncios

A memória social, enquanto formadora da história coletiva e da cultura popular, é constitutiva da identidade de um povo ou de um determinado grupo. Ela é, portanto, seletiva, uma vez que escolhe apenas aquilo que lhe é significativo; prova disso são os esquecimentos e os silêncios da história, reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva, por aqueles grupos que dominam as sociedades históricas e que, estrategicamente, selecionam o que deve e o que não deve ser lembrado.

Para tanto, *“rememorar é uma atividade orientada pela atualidade, determinada pelo lugar social e referenciada pelos significados do imaginário social de um grupo”* (Lacerda, 2000). Porquanto, a memória apresenta-se como artifício de consolidação do poder, com base em algum fator hegemônico do passado que merece ser lembrado, tendo em vista o caráter multiplicador da importância que a situação atual demonstra possuir.

A memória é a garantia da identidade do ser humano, individualmente, o que possibilita analisar as implicações que o confronto entre o velho e o novo, o passado e o presente, podem provocar, na medida em que, impondo mudanças a uma determinada sociedade, esta pode apresentar um certo estranhamento diante do novo instaurado, principalmente em se tratando das transformações ocorridas com a modernidade e toda a carga de valores diferenciados que a regiam, a partir de novas concepções de sujeito, relações sociais, cidade, etc.:

Houve, portanto, uma generalizada experiência de desenraizamento ao entrar a cidade ao movimento que regia o

sistema econômico expansivo da época: os cidadãos já estabelecidos anteriormente viam desvanecer-se o passado e se sentiam precipitados à precariedade, à transformação, ao futuro. [...] A mobilidade da cidade real, seu tráfico de desconhecidos, suas sucessivas construções e demolições, seu ritmo acelerado, as mutações que os novos costumes introduziam, tudo contribuiu para a instabilidade, a perda do passado, a conquista do futuro. A cidade começou a viver para um imprevisível amanhã e deixou de viver para o ontem nostálgico e identificador. (Rama, 1985).

Foi mais ou menos isso que aconteceu com Currais Novos nas décadas em que se deu o auge da exploração mineradora no Município. As mudanças estruturais e discursivas foram tão drásticas que uma das referências da cotidianidade curraisnovense – o mercado público – foi demolido para dar lugar à Praça Cívica denominada “Desembargador Tomaz Salustino” (Anexo 14), em 1971, após oito anos de sua morte.

Aos poucos, tudo que antevia aos tempos da mineração foi enterrado, tornando-se esse período um marco decisivo para a reconfiguração da memória coletiva do lugar e, conseqüentemente, para a identidade cultural daquele povo. Nos livros que contam a história de Currais Novos, por exemplo, há referências aos tempos da fundação, do povoamento e do ciclo do gado, no Município, porém raras são as alusões ao período da cultura algodoeira que, dada a sua importância, assim como a scheelita, no cenário internacional, também ocasionou uma série de mudanças na cotidianidade curraisnovense.

Esta parte da história foi silenciada, certamente com o intuito de deflagrar uma memória apenas voltada àquele período da exploração mineral com uma atitude que acaba por ocasionar a diminuição de informações de um recorte histórico que, embora importante na formação da cidade, acaba por perder sua real identidade no quadro de elemento propulsor no crescimento econômico e desenvolvimentista da cidade.

espaço,

Dos tempos da mina: heranças construídas no imaginário popular

Ao analisar o cotidiano da cidade de Currais Novos, atualmente, é nítida a presença de um imaginário que perpetua a Mina Brejuí como símbolo do desenvolvimento a que passou a cidade, atribuindo-lhe o título de grande força propulsora responsável por colocar a cidade sob a égide de um crescimento em características urbanas nitidamente acentuadas. No entanto, essa ênfase acaba por ofuscar uma emersão que persiste e cuja importância torna-se mínima frente à atenção que assiste-se em relação à mineração na cidade.

Diante dessa alusão, o que persiste são galpões velhos, dunas compostas dos rejeitos de minério (Anexo 15), túneis (Anexo 16), cuja mítica incita aventura e descoberta, curiosidade e enleio. O que persiste são nomes de pessoas, nomes de ruas, prédios, monumentos, projetos futuros, flashes de máquina fotográfica, ensaios, luzes, câmera, ação. A Mina Brejuí torna-se espetáculo diante dos olhos dos visitantes e da memória da população.

Muitos são os aspectos que ainda prevalecem no cotidiano curraisnovense e que se configuram como marcas da herança dos tempos áureos da mineração. Essas marcas é que justificam o recorte temporal atribuído ao presente estudo. A idealização em torno das riquezas provenientes da mina provoca o desencadear de uma concepção de que a terra é povoada por uma atmosfera de riqueza e progresso. A necessidade de que tal concepção de fato se realize tem como principal consequência a falta de orientação da população no que concerne à verdadeira situação em que a mina se encontra. Um exemplo dessa falta de orientação são as dunas de rejeito de minério, as quais são exploradas turisticamente, sem a devida preocupação com os riscos que podem oferecer à população que as visita, dada a possibilidade de haver, nelas, resíduos dotados de radioatividade, que representam uma ameaça àqueles que entram em contato direto com esse material advindo da exploração mineradora.

Outro aspecto que comprova o status adquirido pela economia mineradora no município de Currais Novos e pela família que a administrou é a caracterização de seu povo como sendo extremamente elitista. A simbologia desenvolvimentista explorada através de um aparato tecnológico e estratégico de manutenção no poder, adquiriu proporções incalculáveis, à medida

em que a sociedade incorporou as marcas de um discurso voltado para os ideais de progresso e riqueza, que acabaram por se enraizar no comportamento daquela sociedade.

Um exemplo concreto disso foi a construção da Praça Cívica “Desembargador Tomaz Salustino”, que, lado a lado com a Praça Cristo Rei (Anexo 17), impulsiona a perpetuação de um pensamento elitista, uma vez que já se cristalizou a idéia de que a primeira é a “praça dos ricos” e a segunda, “a dos pobres”, numa clara manifestação da importância conferida ao nome de Tomaz Salustino.

A paralisação das atividades da Mina Brejuí, apesar do impacto que gerou, mesmo que amenizado pelo longo e gradual processo de decadência que sofreu, não deixou se abater a idéia de que, mesmo paralisada, não poderia destituir-se de seu caráter progressista e renovador, visto que o seu prestígio e o da família Salustino não poderiam correr o risco de se perder nos liames da história. Nessa perspectiva, construiu-se o Memorial “Tomaz Salustino”, oportunizando a exploração turística do cenário que restou da mina. Espetáculo que se corporifica em projetos de governo, que conseguem ir além do potencial turístico ali encontrado, dinamizando uma série de ações que tendem a fazer revitalizar a exploração de minérios no lugar, numa tentativa de tornar o fantástico, real; a imaginação e o saudosismo, signos presentificados.

É claro que o fantástico não voltou sozinho. Foi trazido de volta pela economia protecionista que sempre se reforça em período de recessão. [...] Esse fantasma é esconjurado sob o nome de “patrimônio”. Sua estranheza é convertida em legitimidade. (Certeau, 1996).

A cidade ganha novos rumos, passa a ser conhecida como “Terra da Scheelita”, metonimicamente vai ganhando uma outra identidade. Para se ter noção disso, um bairro inteiro ganha ruas com nomes de minérios; uma praça que antes se chamava “19 de março”, em virtude da data comemorativa do fim da escravidão no Município, passa a ser chamada Praça “Tetê Salustino” – nome da esposa do Desembargador Tomaz Salustino – justamente no ano em que foram encerrados os trabalhos na Mina Brejuí – 1997.

Isso porque, numa cidade cuja herança cultural resiste aos tempos, dada a cristalização de um período da história na memória de seus habitantes, *“renova-se mais do que se inova, reabilita-se mais do que se constrói, protege-se mais do que se cria”*. (Certeau, 1996).

A partir da dinâmica do “persistir”, a cidade, que já está acostumada com essa nova identidade que lhe foi construída, (re)inventa o seu cotidiano, com os olhos sempre voltados para um passado de glórias, riquezas, status sócio-econômico, museificando-se através dos tempos, sem se perceber antiguidade pura, memória que persiste e se alastra acompanhando as gerações que a canonizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas culturais, os discursos, as representações sociais, os modos de fazer e de (re)inventar o cotidiano, a cidade, a vida, tornam muito mais interessante o estudo da história dos homens, uma vez que fazem desmoronar a visão retilínea acerca dos componentes históricos, compreendendo a dinâmica das sociedades em sua essência dialética e contraditória.

Desta forma, o estudo da realidade curraisnovense nos tempos da Mina Brejuí, considerando-se os fatores que a precederam e as suas implicações futuras, torna precípua uma investigação mais aprofundada que tende a mergulhar nos mecanismos estratégicos que compuseram o ideário de desenvolvimento predominante até a atualidade.

Isso porque, outras leituras merecem ser efetuadas no que concerne às práticas culturais e especialmente à noção de imaginário coletivo, o que enriqueceria o presente estudo, tornando-o referência para investigações futuras daqueles que compõem a realidade estudada: os curraisnovenses.

Viabilizar a análise das transformações urbanas ocorridas através dos tempos tornou possível entender o quanto a cidade é signo das aspirações dos grupos sociais, fazendo de seus monumentos, ruas, prédios e instalações, personagens que coexistem com os seres humanos que, destes novos habitantes, extraem parte de sua identidade cultural.

Sólida memória que se perpetua através dos tempos, objeto de estudo para muitos olhos perscrutadores de realidades que se tornam arquivos de transformações e manutenções. Em suma, *tudo que é sólido desmancha no ar...* Fica a conjectura pairando na atmosfera, testemunha onipotente de tantas demolições de memórias, antes indissolúveis, mas que sempre encontram o seu agora final. Esse dia chegará?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Celestino. **Retoques da história de Currais Novos**. Natal: Fundação José Augusto/ Currais Novos: Prefeitura Municipal, 1985.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Mineração no Nordeste: depoimentos e experiências**. Brasília: CNPQ, 1987.

BEZERRA, Reno Moreira. Tomaz Salustino. **Currais Novos em revista**. Currais Novos: Gráfica Nossa Senhora, p.p. 36-37. Nov. 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara. Desembargador Tomaz Salustino. In: **Desembargador Tomaz Salustino: 1880-1980**. Natal: RN Econômico, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, Maria Vilma da. **A mineração em Currais Novos (um estudo do cotidiano operário)**. Natal: UFRN, 1988. Dissertação (mestrado).

FILHO, Antônio Quintino. **História de Currais Novos**. Natal: Fundação José Augusto/ Currais Novos: Prefeitura Municipal, 1987.

FRAGOSO, J.; FLORENTINO, M. História Econômica. In: FLOMARION, C.; VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

GOMES, José Bezerra. **Os Brutos**. Natal: EDUFRN, 1998.

HERSCHMANN, Micael. PEREIRA, Carlo A. M. (orgs) **A invenção do Brasil Moderno: medicina, engenharia e educação nos anos 20 e 30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LACERDA, Lillian Maria de. **Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica**. In: **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Difel, 1984, livro 1, v. I.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da Imprensa do Rio Grande do Norte (1909-1987)**. São Paulo: Cortez/ Natal: Fundação José Augusto, 1987.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PORTO, Mário Moacir. **Aspectos sócio-econômicos da Mineração no Nordeste**. Palestra proferida na abertura do Curso Internacional sobre Economia Mineral aos países em desenvolvimento. João Pessoa: mimeografado, 1980.

PRADO Jr, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAMA, Angel. **A Cidade das Letras**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução Econômica do Rio Grande do Norte (do século XVI ao século XX)**. Natal: Clima, 1994.

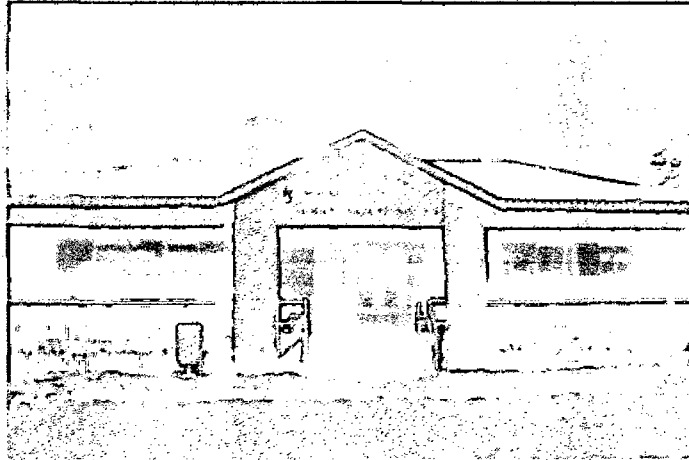
SOUZA, Nelson de Mello e. **Modernidade: desacertos de um consenso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

SOUZA, Teresinha Dantas de. **A educação escolar no município de Currais Novos-RN** ou a (co) existência da escola e da máquina de beneficiar algodão a vapor – 1900/1930. Natal: UFRN, 1991. Dissertação (mestrado).

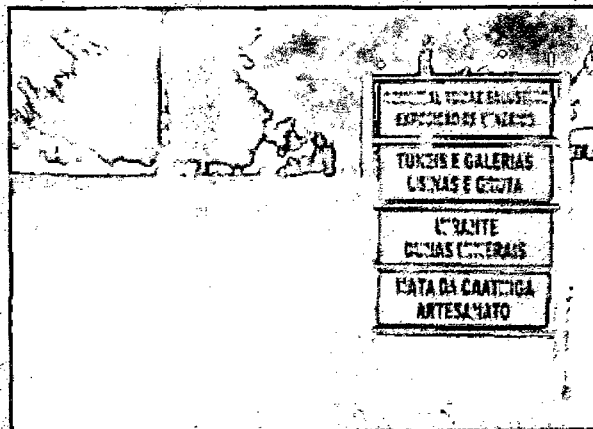
Inserir as
fotos no texto.

ANEXOS

ANEXO 1



Memorial "Desembargador Tomaz Salustino"

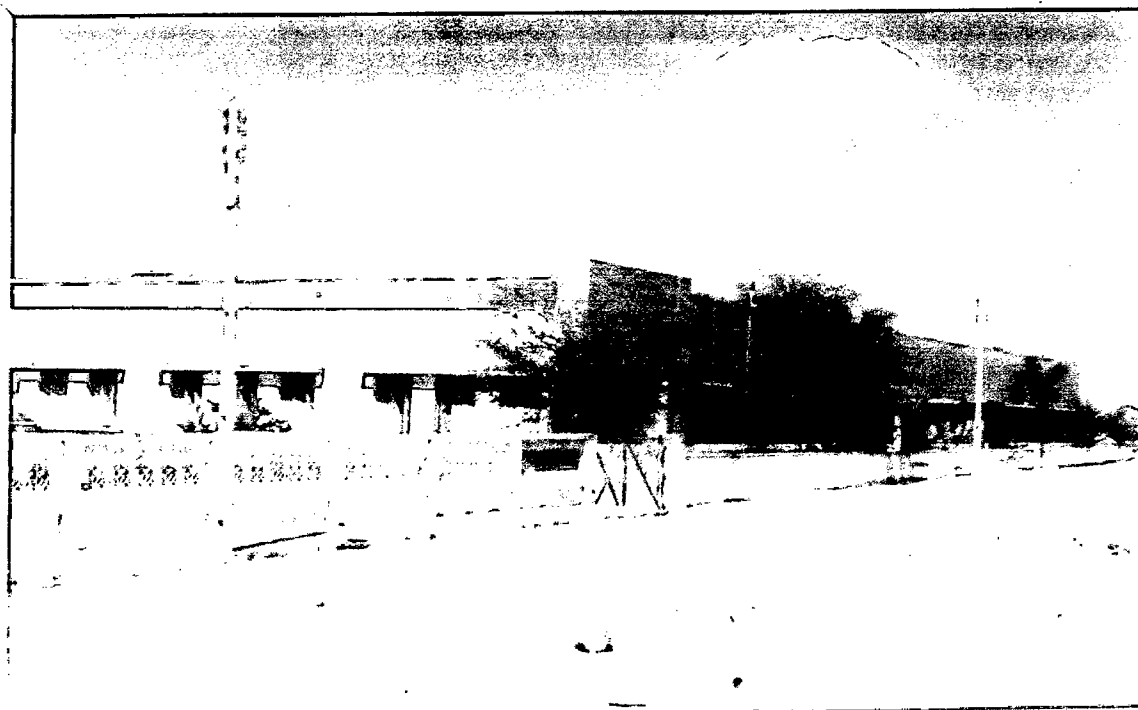


ANEXO 2



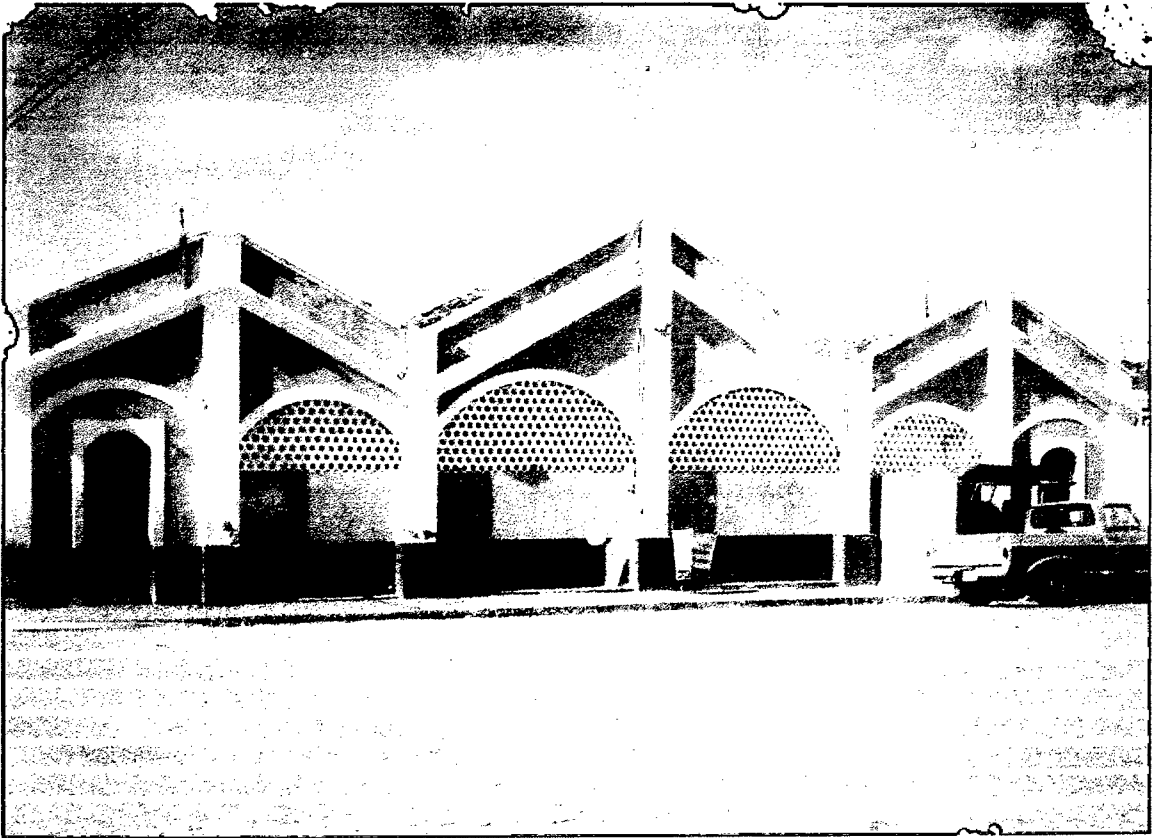
Desembargador Tomaz Salustino

ANEXO 3



Grupo Escolar "Capitão Mor Galvão"

ANEXO 4



Mercado Público

ANEXO 5



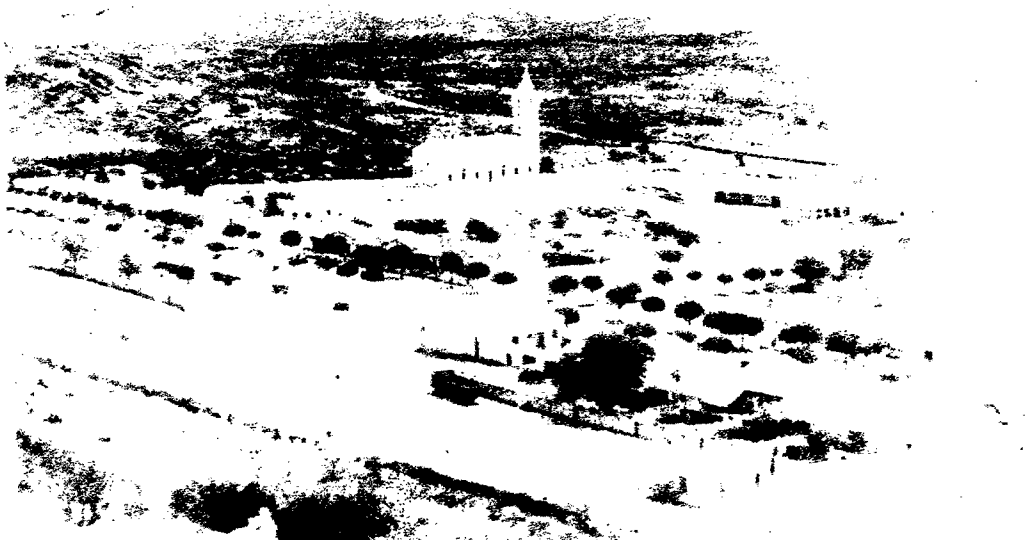
Feira livre próxima ao Mercado Público

ANEXO 6



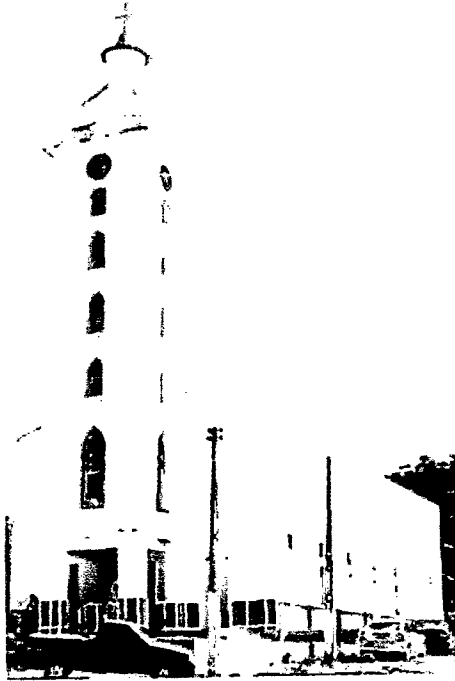
Matriz de Santana

ANEXO 7



Vila operária da Mina Brejuí

ANEXO 8



Igreja de Santa Tereza

ANEXO 9



Inauguração da estátua do Coronel José Bezerra

ANEXO 10



Antigo prédio do Banco do Brasil

ANEXO 11



Tungstênio Hotel

ANEXO 12



Educandário Jesus Menino

ANEXO 13



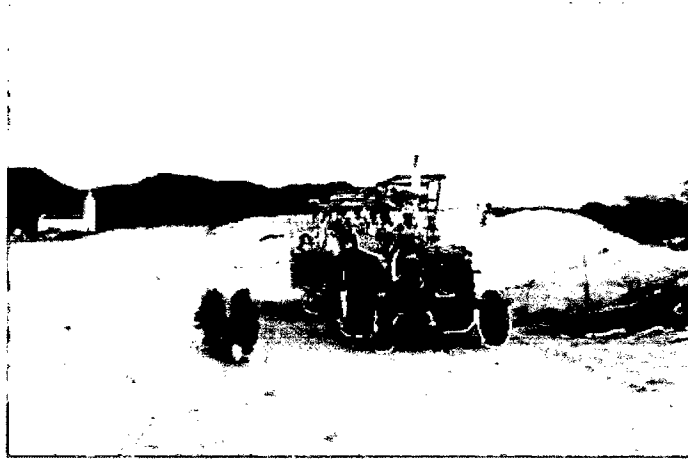
Antigo prédio do Hospital "Pe. João Maria" e da Maternidade "Ananília Regina"

ANEXO 14



Praça "Desembargador Tomaz Salustino"

ANEXO 15



Dunas formadas por rejeito de minério

ANEXO 16



Túneis da Mina Brejuí – São mais de 60 Km de túnel



ANEXO 17



Praça Cristo Rei

